

A Passiva em português como construção predicativa adjetival: evidência morfológica e implementação computacional em LFG/XLE*

Passive as adjective predicative construction in portuguese:
morphological evidence and implementation in LFG/XLE

Leonel Figueiredo de ALENCAR*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ – UFC/BRASIL

RESUMO

Gramáticas tradicionais do português tratam a passiva como voz, incluindo-a no quadro da conjugação verbal. Neste artigo, discutimos os argumentos de Perini (2010) de que não há voz passiva em português e relacionamos essa proposta com a abordagem da POLFIE, uma gramática do polonês desenvolvida no quadro da LFG e implementada no sistema XLE. Conforme essa gramática, a passiva é uma construção predicativa adjetival. Apresentamos uma evidência adicional, de natureza morfológica, do estatuto adjetival do particípio passivo em português e implementamos essa análise na BrGram, uma gramática do português do Brasil nos moldes da POLFIE.

PALAVRAS-CHAVE: Voz Passiva. Gramática Léxico-Funcional. Linguística Computacional. Parsing Sintático. Sufixos Avaliativos.

*Sobre o autor ver página 57.

ABSTRACT

Traditional grammars of Portuguese handle the passive construction as a voice phenomenon which is part of the verbal conjugation. In this paper, we discuss the claim by Perini (2010) that there is no passive voice in Portuguese. We compare this approach to the one of POLFIE. This is a computational grammar of Polish which was developed within the framework of LFG and implemented in XLE. In this grammar, the passive construction is an adjective predicative construction. We present additional morphological evidence on the adjectival status of the passive participle in Portuguese and implement this analysis in BrGram, a computational grammar of Brazilian Portuguese that is analogous to POLFIE.

KEYWORDS: *Passive Voice. Lexical-Functional Grammar. Computational Linguistics. Syntactic Parsing. Evaluative Suffixes.*

1 Introdução

Gramáticas tradicionais como Cunha e Cintra (1985) apresentam, como parte da conjugação de um verbo como *louvar*, as diferentes formas da voz passiva. Esse tratamento calca-se na tradição gramatical do latim e do grego clássico, línguas que possuem uma passiva sintética, diferentemente do português, em que a passiva é perifrástica.¹

Perini (2010) desafia essa tradição, hipotetizando que o particípio passivo é um adjetivo, pelo que a construção passiva não constitui uma diátese do verbo no particípio, mas do verbo *ser*. Desse modo, não haveria voz passiva em português. De forma independente, essa análise da passiva como construção predicativa adjectival é implementada na POLFIE (PATEJUK, 2013), uma gramática computacional do polonês desenvolvida com base no modelo gerativo da *Lexical-Functional Grammar* – LFG (BRESNAN, 2001; FALK, 2001), utilizando o sistema XLE (CROUCH et al., 2011). Patejuk e Przepiórkowski (2014) argumentam em prol de uma análise uniforme do verbo copulativo nas construções passiva e predicativa adjectival adotada na POLFIE. Segundo eles, a cópula funciona como verbo de alçamento em ambos os casos.

Neste artigo, apresentamos, inicialmente, na seção 2, o tratamento

¹ Em latim, apenas os tempos derivados do presente do indicativo constroem a passiva sinteticamente (FONTANA, 1981, p. 97).

da passiva perifrástica na LFG como fenômeno de voz, analogamente ao tratamento da passiva sintética em línguas como latim. Em seguida, na seção 3, discutimos as evidências apresentadas por Perini (2010) para o português e por Patejuk e Przepiórkowski (2014) para o polonês em prol da análise da passiva perifrástica como construção predicativa adjetival. Na seção 4, apresentamos uma evidência adicional, de natureza morfológica, a respeito do caráter adjetival do particípio passivo em português. Na seção 5, delineamos a implementação dessa análise na BrGram, uma gramática do português desenvolvida, como a POLFIE, em LFG/XLE. Finalmente, na seção 6, sintetizamos as principais conclusões do trabalho.

2 A passiva perifrástica como fenômeno de voz na LFG

Esta seção apresenta, inicialmente, a passiva sintética como um fenômeno de *voz* ou *diátese* verbal.² Em seguida, mostramos como essa abordagem é implementada, na LFG, para línguas como o francês em que a construção passiva é perifrástica.

Em línguas tipologicamente diversas, uma subclasse dos verbos apresenta uma forma sintética tradicionalmente conhecida como voz (ou diátese) passiva, exemplificada em (1) e (2) para o latim.³

- (1) a. Magistr-ae puell-am lauda-ba-Ø-nt.
 professora-NOM.PL menina-ACC.SG elogiar-IMPF-ACT-3PL
 b. As professoras elogiavam a menina.
- (2) a. Puell-a lauda-ba-tur.
 menina-NOM.SG elogiar-IMPF-PASS.3SG
 b. A menina era elogiada.

A forma passiva em (2a), marcada pelo sufixo *-tur*, constitui claramente uma diátese do verbo *laudo* 'elogiar'. De fato, essa forma se

² Na terminologia gramatical latina, voz é *genus*, que corresponde a *diáthesis* na terminologia grega.

³ Para uma explicação sobre as glosas dos exemplos em língua estrangeira, ver <http://www.eva.mpg.de/lingua/resources/glossing-rules.php> e <http://www.llf.cnrs.fr/gloses-fr.php>.

íntegra no paradigma da conjugação verbal latina, dada a marcação de tempo, pessoa e número na forma passiva.

Na LFG, a diátese passiva consiste em uma alternância da valência verbal caracterizada por um remapeamento dos papéis semânticos sobre funções gramaticais, tal como esquematizado em (3) e (4).

(3) Mapeamento de argumentos na ativa

AGENTE	TEMA/PACIENTE
SUJEITO	OBJETO

(4) Mapeamento de argumentos na passiva

AGENTE	TEMA/PACIENTE
OBLÍQUO AGENTIVO	SUJEITO

Seguindo a tradição greco-latina clássica, a construção perifrástica constituída pelo verbo *ser* e o participio de um verbo principal nas línguas românicas, como no exemplo (5) do francês, é analisada como diátese daquele último. Nesse caso, o verbo *ser* é classificado ou como um verbo de alçamento (BERMAN, J.; FRANK, A., 1996, p. 123) ou como um auxiliar (BUTT et al. 1999, p. 61). Um desdobramento da primeira proposta será discutido na seção 3. A FIGURA 1 e a FIGURA 2, geradas pela minigramática computacional do francês de Schwarze e Alencar (no prelo), exemplificam a segunda abordagem, mais próxima da concepção tradicional.

(5) La fée est attendue par le chevalier.

'A fada é esperada pelo cavaleiro.'

Figura 1: Estrutura de constituintes do exemplo (5).

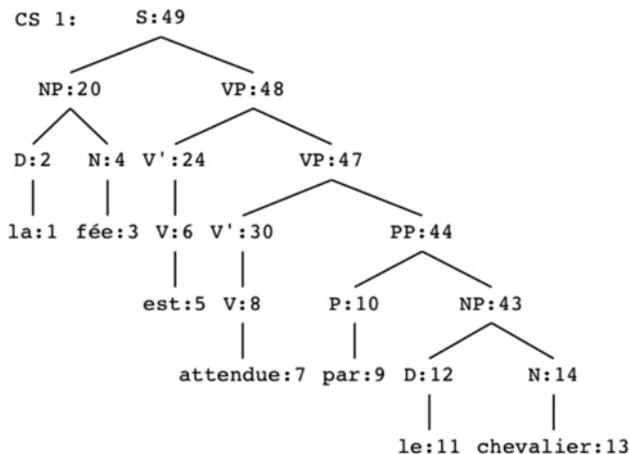
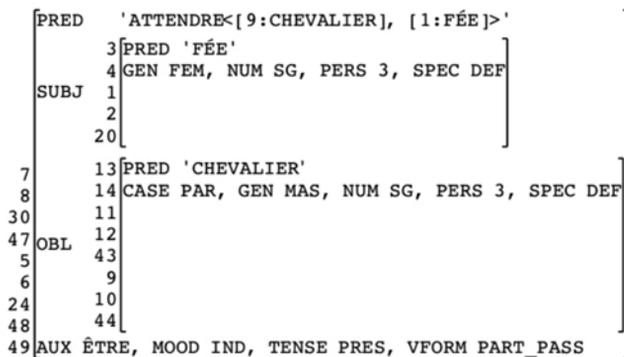


Figura 2: Estrutura funcional do exemplo (5).⁴

"la fée est attendue par le chevalier"



Na estrutura de constituintes (*c-structure*) da FIGURA 1, o verbo *être* está categorizado como V.⁵ No nível da estrutura funcional, porém, é um auxiliar. Desse modo, não possui uma representação semântica, que, na LFG, é codificada por meio do traço PRED. Apenas um verbo do

⁴ Neste trabalho, as análises sintáticas dos exemplos utilizam, salvo quando indicado o contrário, as convenções notacionais das gramáticas LFG desenvolvidas no âmbito do Projeto ParGram (KING, 2004). Nesse sistema, SUBJ = sujeito, OBJ = objeto direto ou primário e OBL-AG = oblíquo agentivo. Os demais símbolos são explicados na referida página da Internet.

⁵ Noutras abordagens, o auxiliar é, na estrutura de constituintes, um núcleo AUX ou I (inflection) (BUTT et al., 1999, p. 60-64; KING, 2004; BRESNAN, 2001, p. 29).

tipo principal possui esse traço, que é herdado pela estrutura funcional (*f-structure*) da sentença (FIGURA 2). O auxiliar apenas contribui com os traços de número e pessoa de concordância do sujeito bem como com os traços de modo e tempo da oração (FIGURA 3).

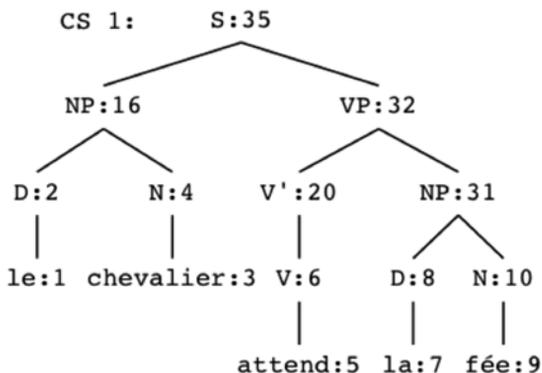
Figura 3: Estrutura funcional do auxiliar être no exemplo (5)

$$\begin{array}{l} \text{5} \left[\text{SUBJ [NUM SG, PERS 3]} \right. \\ \left. \text{6 [AUX ÊTRE, MOOD IND, TENSE PRES]} \right] \end{array}$$

Ao exemplo (6), contraparte ativa de (5), a minigramática atribui as estruturas da FIGURA 4 e da FIGURA 5. Comparando a estrutura da FIGURA 2 com a da FIGURA 5, podemos constatar que o valor de PRED é idêntico em ambas. Isso reflete o fato de que, em termos lógico-semânticos, uma sentença na voz ativa é equivalente à sua versão passiva. O que difere, nas duas estruturas funcionais, é o mapeamento dos argumentos semânticos sobre funções gramaticais.

- (6) Le chevalier attend la fée.
'O cavaleiro espera a fada.'

Figura 4: Estrutura de constituintes do exemplo (6).



3 A passiva perifrástica como construção predicativa

Nesta seção, discutimos, inicialmente, as evidências apresentadas por Perini (2010) em prol de uma análise do particípio passivo em português como adjetivo. Segundo essa abordagem, não há voz passiva em português. A construção passiva constitui uma diátese do verbo *ser*. Em seguida, discutimos a abordagem da gramática POLFIE, que implementa análise análoga para o polonês. Conforme essa abordagem, a passiva é uma construção predicativa adjetival.

Segundo Perini (2010), o particípio da construção passiva está mais próximo dos adjetivos do que dos verbos. Para ele, apenas o particípio em construções como (8) possui natureza verbal.

(8) As professoras têm elogiado a menina.

Perini levanta uma série de evidências em prol do estatuto nominal do particípio da construção passiva. Em primeiro lugar, o particípio nominal (doravante PN) possui valência distinta da do verbo correspondente. Um particípio verbal (doravante PV) como *elogiado* em (8), pelo contrário, compartilha a valência das demais formas verbais do paradigma flexional de *elogiar*. Em segundo lugar, o PN apresenta flexão de gênero e número, típica de nominais em português, mas não de verbos. Em terceiro lugar, todo verbo possui PV, mas nem todo possui PN. Esse é o caso, por exemplo, do verbo *ser* (cf. **sidos*). Finalmente, haveria construções passivas sem as correspondentes ativas, como no exemplo (9) de Perini (2010, p. 178).

- (9) a. Marlene é antipatizada por todos os moradores do prédio.
b. *Todos os moradores do prédio antipatizam Marlene.

Não obstante esses argumentos em prol do estatuto não verbal do particípio passivo, Perini (2010, p. 179) conclui com uma certa cautela: "Não quero dar a impressão de que a questão está decidida de uma vez por todas; mas a evidência disponível indica que a construção passiva

não é uma diátese do verbo morfológicamente relacionado ao particípio nominal [...]." Para esse autor, tem-se, na construção passiva, em vez disso, uma diátese do verbo *ser*. Ele não esclarece, contudo, quais seriam as outras diáteses do verbo *ser*. Ele apenas deixa claro que, na passiva, um particípio como *elogiado* é um adjetivo derivado do verbo *elogiar*.

Submetamos, agora, os argumentos de Perini a um escrutínio crítico. Como vimos, ele aponta a flexão de gênero e número como uma das evidências em prol da natureza adjetival, e não verbal, do particípio na construção passiva. Esse argumento, porém, não é tão robusto quanto parece, uma vez que, em línguas românicas como o francês, o particípio verbal se flexiona em gênero e número no passado composto.⁶

O argumento de Perini de que há construções passivas sem as correspondentes ativas é um tanto enfraquecido pelo fato de exemplos do tipo de (9b), como (10), poderem ser encontrados na Internet e parecerem perfeitamente naturais.

(10) Não dá para entender a implicância de determinadas pessoas com o Recifolia. Parece coisa orquestrada por pessoas que antipatizam a promoção ou os seus organizadores. (Google)

Finalmente, o critério da mudança de valência do particípio passivo, apontado por Perini como argumento a favor do estatuto não verbal desse constituinte, não tem aplicabilidade universal, uma vez que, como vimos na seção 2, a passiva sintética, em línguas como latim, integra o paradigma flexional verbal.

De forma independente de Perini (2010), a análise do particípio passivo como adjetivo é implementada pela POLFIE (PATEJUK, 2013), uma gramática computacional do polonês elaborada no arcabouço da LFG nos moldes do Projeto ParGram (KING, 2004), utilizando o sistema XLE. Essa gramática gera, para o exemplo (11), a estrutura funcional da FIGURA 6 e a estrutura de constituintes da FIGURA 7.⁷

⁶ O fenômeno não parece ser incomum nas línguas naturais. Em russo, por exemplo, os verbos apresentam apenas flexão nominal no passado.

⁷ A sentença (11) é a de nº 12 do ParGramBank, um repositório multilíngue de *treebanks* paralelos gerados automaticamente por gramáticas implementadas em LFG/XLE (SULGER et al. 2013).

- (11) Drzewo zostało ścięte.
 árvore:NOM.SG.N ser:3.SG.N.PST cortar:NOM.SG.N
 'A árvore foi cortada.'

Figura 6: Estrutura funcional do exemplo (11).

	PRED	'zostać<[13:ściąć]>[6:drzewo]'												
		<table border="0"> <tr> <td>PRED</td> <td>'drzewo'</td> </tr> <tr> <td>CHECK</td> <td>[CAT subst]</td> </tr> <tr> <td>6</td> <td></td> </tr> <tr> <td>7</td> <td>NTYPE [NSEM [COMMON count]]</td> </tr> <tr> <td>65</td> <td>[NSYN common]</td> </tr> <tr> <td>67</td> <td>CASE nom, GEND n, NUM sg, PERS 3</td> </tr> </table>	PRED	'drzewo'	CHECK	[CAT subst]	6		7	NTYPE [NSEM [COMMON count]]	65	[NSYN common]	67	CASE nom, GEND n, NUM sg, PERS 3
PRED	'drzewo'													
CHECK	[CAT subst]													
6														
7	NTYPE [NSEM [COMMON count]]													
65	[NSYN common]													
67	CASE nom, GEND n, NUM sg, PERS 3													
16														
18														
251														
10	CHECK	[CAT praet]												
11	TNS-ASP	[ASPECT perf, MOOD indicative, TENSE past]												
258														
262		<table border="0"> <tr> <td>PRED</td> <td>'ściąć<NULL, [6:drzewo]>'</td> </tr> <tr> <td>SUBJ</td> <td>[6:drzewo]</td> </tr> </table>	PRED	'ściąć<NULL, [6:drzewo]>'	SUBJ	[6:drzewo]								
PRED	'ściąć<NULL, [6:drzewo]>'													
SUBJ	[6:drzewo]													
358														
401	XCOMP-PRED	13 CHECK [CAT ppas]												
416		15												
425		117 TNS-ASP [ASPECT perf]												
432		159 [CASE nom, GEND n, NUM sg, PASSIVE +]												

Fonte: ParGramBank⁸.

Como se pode depreender da FIGURA 6, na estrutura funcional de (11), o predicado principal não é o verbo *cortar*, como na análise tradicional da passiva (FIGURA 2), mas a cópula *ser*.⁹ Nessa estrutura, o verbo copulativo governa duas funções gramaticais: um XCOMP-PRED e um SUBJ "não temático", ou seja, que não constitui argumento semântico desse verbo. Nessa abordagem, a cópula é analisada, portanto, como verbo de alçamento (*raising verb*).¹⁰

Na LFG, XCOMP representa uma família de complementos verbais caracterizados por serem "abertos" (BRESNAN, 2001; FALK, 2001). Esses complementos apresentam um SUBJ não preenchido localmente, no âmbito da estrutura de constituintes do próprio XCOMP

Inclui exemplos do português do Brasil gerados pela BrGram (ALENCAR, 2013). Não é de acesso livre, mas restrito aos membros do referido projeto. No entanto, uma versão está disponível online na URL <http://iness.uib.no>.

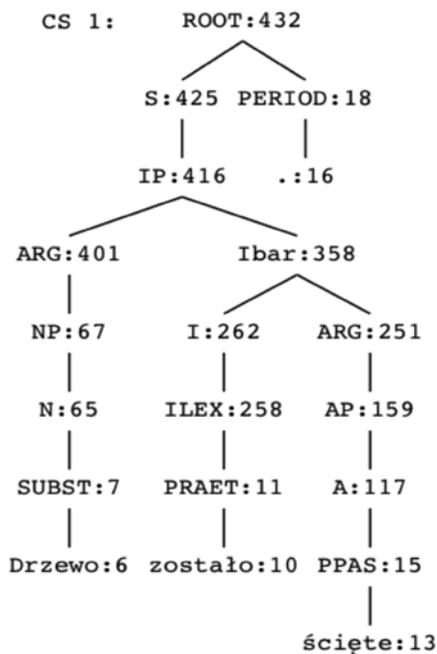
⁸ Ver nota 7.

⁹ Esse verbo traduz-se também, em inglês, como *become* tornar-se' (SWAM, O. E.; REIMER, N. H., 2012).

¹⁰ Sobre o tratamento de verbos de alçamento na LFG, consulte-se, por exemplo, Falk (2001, p. 127-131).

(no caso do exemplo (11), essa estrutura é o AP), mas por um argumento da estrutura funcional matriz (no caso de (11), o SUBJ não temático). No nível da estrutura de constituintes, um XCOMP pode ser realizado por diversas categorias, como N, A, P e V, dependendo do verbo que o governa. Inicialmente, na LFG, tinha-se, para esse casos, NCOMP, ACOMP, VCOMP etc., agora unificados sob um único rótulo XCOMP. A função gramatical XCOMP-PRED, utilizada na POLFIE e noutras gramáticas do Projeto ParGram, é um XCOMP de natureza predicativa (KING, 2004).

Figura 7: Estrutura de constituintes do exemplo (11).



Fonte: ParGramBank.

Na FIGURA 6, o predicado do XCOMP-PRED é o do particípio adjetival derivado do verbo *cortar*. O valor desse predicado, porém, não é representado por meio do lema do particípio (*ścięty* 'cortado'), mas

o fenômeno em polonês. O primeiro argumento se refere à coordenação de constituintes em exemplos como (13).

- (13) Jestem [_X zamknięta w domu] i [_Y głodna].
 estou trancad a em casa e faminta

Falk (2001, p. 47) formaliza a coordenação de constituintes por meio da regra (14), onde + indica uma ou mais repetições de X.

- (14) X⁺ CONJ X

Desse modo, em (13), X = Y, ou seja, o particípio passivo e o adjetivo em (13) devem pertencer à mesma categoria. A categoria mais provável é, no caso, AP, pois a alternativa, analisar *głodna* 'faminta' como verbo, não parece plausível.

No entanto, são conhecidas exceções, ao menos aparentes, a (14), como os seguintes exemplos, baseados em Dalrymple (2001) e Falk (2001):

- (15) Caminhávamos [_{Adv} devagar] e [_{pp} com grande cuidado].
 (16) Pinóquio é [_{NP} narigudo] e [_{NP} um grande mentiroso].
 (17) Davi apresentou [[o Cristiano] [à Taís]] e [[a Matilda] [ao José]].

Esses casos, porém, são contemplados pela restrição de que "[...] cada membro de uma estrutura coordenada deve constituir uma expansão válida da categoria mãe" (DALRYMPLE, 2001, p. 371). A consequência desse princípio para a análise de (13) é que o particípio passivo e o adjetivo não precisam pertencer à mesma categoria.

Por outro lado, o verbo *estar*¹² em (13), no nível da estrutura funcional, deve receber um tratamento uniforme em relação aos dois membros da coordenação. Ele não poderia ser, nessa sentença, um auxiliar desprovido de PRED em relação ao particípio passivo e uma cópula provida de PRED em relação ao complemento predicativo

¹² Em polonês, há dois verbos para construir a passiva acional, i.e. que descreve a realização de uma ação: *zostać* 'tornar-se' e *być* 'ser', 'estar'. O primeiro é usado com o particípio passivo perfeito e o segundo, com o particípio passivo imperfeito (SWAN, 2002, p. 312). O verbo *być* é utilizado, também, na passiva estativa (*statal passive*), que descreve o resultado de uma ação (SWAN, 2002, p. 313).

adjetival. A análise desse último tipo de complemento como XCOMP está bem estabelecida na LFG.¹³ Desse modo, Patejuk e Przepiórkowski (2014), seguindo a gramática POLFIE, concluem que o verbo *estar* governa um XCOMP também na construção passiva. Desse modo, a passiva é, na verdade, uma construção predicativa.

O segundo argumento de Patejuk e Przepiórkowski (2014) diz respeito ao escopo de operadores de negação. Os dados do polonês que eles trazem à baila apontam para a necessidade de se postular, na passiva, duas predicacões, tal como se tem na estrutura funcional da FIGURA 6. Como os dados, ao nosso ver, não se replicam em português, não entramos em detalhe a respeito desse argumento.

Em suma, a gramática computacional polonesa POLFIE trata o particípio passivo como um tipo de adjetivo, mas as evidências apresentadas por Patejuk e Przepiórkowski (2014) de fato não excluem a análise desse constituinte como verbo. Os dados levantados excluem apenas um tratamento dos verbos *ser* e *estar* na passiva em polonês como um auxiliar sem PRED, compelindo a um tratamento uniforme desses verbos na construção passiva e na construção predicativa adjetival. Adotando análise consolidada, no âmbito da LFG, da predicativa adjetival em línguas como polonês, nessa construção e na passiva, os verbos *ser* e *estar* governam um XCOMP(-PRED). Desse modo, a passiva não configura uma diátese desses verbos em relação à sua função de cópula na construção predicativa adjetival.

4 Evidências adicionais do caráter adjetival do particípio na passiva em português

A seção anterior apontou pontos fracos na argumentação de Perini (2010) em prol da análise do particípio passivo como adjetivo. A proposta de Patejuk e Przepiórkowski (2014), por sua vez, deixa clara a necessidade do tratamento uniforme da cópula na construção predicativa adjetival e na passiva perifrástica. O exemplo (18) evidencia que esse argumento é diretamente aplicável ao português. No entanto, esse tipo

¹³ Há autores que defendem, para o inglês, o alemão e o francês, a análise do complemento predicativo adjetival como PREDLINK, um tipo de complemento "fechado" (BUTT et al., 1999, p. 70).

de evidência, como vimos, não permite fechar a questão em torno do estatuto adjetival ou verbal do particípio passivo.

(18) A Maria foi [feliz na infância] e [muito elogiada pelas professoras].

Nesta seção, apresentaremos dados da morfologia derivacional que evidenciam o caráter adjetival do particípio passivo. Até onde sabemos, evidência dessa natureza ainda não foi trazida à baila no âmbito da discussão do estatuto categorial do particípio na construção passiva.

Em português, apenas substantivos e adjetivos licenciam derivação por meio dos sufixos avaliativos *-íssimo*, *-érrimo*, *-inho*, *-aço* etc. (ROCHA 2008, p. 219).¹⁴ Rocha (2008, p. 217) classifica esses afixos em três subcategorias: (i) sufixos subjetivos, (ii) sufixos valorativos (melhorativos e pejorativos) e (iii) sufixos dimensionais (aumentativos e diminutivos). Ao exemplificar esses subtipos, Rocha não contempla os superlativos *-íssimo*, *-érrimo* e *-ésimo*. No entanto, esses sufixos, que Gonçalves (2003) classifica como intensivos, enquadram-se claramente na subcategoria (iii).

Na Internet, exemplos do tipo de (19) a (28) são facilmente encontrados. Os exemplos (20) e (27) são do português europeu.

(19) A prestação de contas da secretária da Fazenda, Jozélia Nogueira, ontem, no plenário da Assembleia, **foi elogiadíssima pelos deputados**. (Google)

(20) "Levei um vestido do Manuel Alves e do José Manuel Gonçalves, **que foi elogiadíssimo**", conta. (Google)

(21) A tradução **foi elogiadérrima** no lançamento e, quer saber?, o livro está gostoso demais de ler, flui que é uma beleza. (Google)

(22) Eu usei esse modelito pela última vez num evento profissional, e **fui elogiadésima**. (Google)

¹⁴ Para Gonçalves (2003, p. 58), a formação superlativa ocorreria também com pronomes (*euzésima*) e gerúndios (*dormindérrimo*). Por outro lado, constata-se a formação de diminutivos a partir de certos advérbios (*agorinha*). No entanto, não nos parece claro se esses casos são realmente produtivos.

(23) Na recente São Paulo Fashion Week, **foram comentadíssimas** as unhas postiças enormes do desfile de Lino Villaventura. (Google)

(24) Me lembro que **foi comentadaço** pela net afora. (Google)

(25) A massa do crepe é feita com vinho branco, o que dá uma leveza ainda maior. A banana **é cortadinha** e dourada no açúcar e na canela. (Google)

(26) Para as meninas que perguntam estas coisas... as borboletinhas, bem como todo o resto **foram cortadinhas** à mão. (Google)

(27) Também a relva **foi cortadinha pelo Walter** e o campo apresentava-se acolhedor. (Google)

(28) Umas fazem chás perfumados, outras dão sabor aos pratos de cozimento longo, algumas **são picadinhas** e acrescentadas na hora de servir. (Google)

Nos exemplos de construção passiva negritados, os participípios exibem diferentes tipos de sufixos avaliativos. Comparem-se agora os exemplos gramaticais de (19) a (28) com os exemplos agramaticais (29) e (30). O participípio, nesse caso, não é nominal, mas verbal, pelo que a derivação com os sufixos de superlativo e diminutivo não é licenciada. Esse contraste de gramaticalidade evidencia que, na passiva, esse constituinte não é verbal, mas adjetival.

(29) *Os deputados tinham elogiadíssimo a prestação de contas.

(30) *O Walter havia cortadinho a relva.

Concebemos afixos derivacionais como lexemas que, na formação de palavras, obedecem ao princípio do núcleo (*head principle*) (STERNEFELD, 2006, p. 31-32). Desse modo, um sufixo de categoria X, por exemplo, que seleciona complemento de categoria Y, projeta uma categoria X.

Sob essa perspectiva, a análise, como adjetivos, dos participípios passivos derivados por sufixos avaliativos tem a vantagem de ser mais econômica do que uma análise desses constituintes como verbos. Tomemos como exemplo as formas *elogiadíssima* e *cortadinhas* de (19) e

(26), que rotularemos como PPASSD (particípio passivo derivado por sufixação de diminutivo ou superlativo). Comparemos nossa proposta com a alternativa que trata PPASSD não como A(djetivo), mas como $X \neq A$, onde $X = V$ (erbo) ou $X = Part$ (icípio), por exemplo. Isso implica que o léxico do português possui duas entradas para cada um dos sufixos *-íssimo* e *-inho*, uma da categoria A e outra da categoria X, $X \neq A$. Ora, nossa proposta é mais econômica, ao postular, para esses dois afixos, unicamente a categoria A.¹⁵ Esses afixos, como os demais sufixos avaliativos, selecionam categorias [+N] como complemento. Essa análise corretamente prediz a gramaticalidade de (19) a (28) e a agramaticalidade de (29) e (30), em razão de, nesses últimos casos, o particípio ser verbal.

Em conclusão, a derivação por meio de sufixos avaliativos corrobora o estatuto adjetival do particípio passivo em português, tal como hipotetizado por Perini (2010). Por outro lado, a possibilidade de coordenar um AP e uma categoria nucleada por um particípio passivo evidencia que, na construção passiva, não se tem uma diátese do verbo *ser* em relação à construção predicativa adjetival. Ambas as construções instanciam a mesma variante do verbo *ser*.

5 Implementação em LFG/XLE

A BrGram (ALENCAR, 2013) é uma gramática computacional do português desenvolvida em LFG/XLE nos moldes do Projeto ParGram (KING, 2004). Nesta seção, apresentamos aspectos da implementação, na BrGram, da análise da passiva como construção predicativa adjetival, discutida na seção anterior.

As estruturas funcionais da FIGURA 8 e da FIGURA 9 ilustram como a BrGram analisa sentenças passivas com o particípio no superlativo ou no diminutivo.

¹⁵ Abstrairmos da aplicação dos sufixos avaliativos a substantivos (e possivelmente a outras categorias, conforme a nota 14). Esses casos talvez possam ser contemplados atribuindo a esses afixos a categoria subespecificada [+N].

Figura 8: Análise, pela BrGram, de passiva processual com participação no superlativo.

```

"As meninas foram elogiadíssimas pela professora."

[PRED      'ser<[23:elogiar]>[1:menino]']
  4[PRED 'menino']
  106 NTYPE [NSYN common]
  108 ]
SUBJ      1
         3 SPEC [DET [PRED 'o']]
         117 [CASE nom, GEND fem, NUM pl, PERS 3]
         118 ]
         [PRED      'elogiar<[40:professora], [1:menino]>'
         SUBJ      [1:menino]
         48[PRED 'professora']
         50 GLOSS [TRANS teacher]
         183 ]
         OBL-AG   43 NTYPE [NSEM [COMMON count]]
         47 NTYPE [NSYN common]
         225 ]
XCOMP-PRED 226 SPEC [DET [PRED 'o']]
         40 [DET-TYPE def]
         42 [CASE obl, GEND fem, HUMAN +, NUM sg, PERS 3, PFORM por, PTYPE nosem]
         227 ]
51 23 GLOSS [TRANS praise]
53 141 SPEC [QUANT [DEGREE superlative]]
20 228 ]
22 233 [ASPECT processual, ATYPE predicative, DEG-DIM pos, DEGREE positive]
204 ]
209 ]
305 TNS-ASP [MOOD indicative, PERF +, TENSE past]
212 [CLAUSE-TYPE decl, PASSIVE -, VTYPE copular]

```

Figura 9: Análise, pela BrGram, de passiva estativa com participação no diminutivo.

"A manga está cortadinha."

```

[PRED      'estar<[1:manga], [32:cortar]>'
  6[PRED 'manga']
  208 NTYPE [NSYN common]
  210 ]
SUBJ      1
         5 SPEC [DET [PRED 'o']]
         212 [GEND fem, NUM sg, PERS 3]
         174 ]
         [PRED      'cortar<NULL, [1:manga]>'
         SUBJ      [1:manga]
         49 32 GLOSS [TRANS cut]
         28 115 ]
         31 117 SPEC [QUANT [DEGREE diminutive]]
         121 120 [ASPECT stative, DEG-DIM pos, DEGREE positive]
         182 ]
195 TNS-ASP [MOOD indicative, TENSE pres]
185 [CLAUSE-TYPE decl, PASSIVE -, VTYPE copular]

```

Na BrGram, o particípio passivo é categorizado como adjetivo, no nível da estrutura de constituintes, tanto na passiva acional (FIGURA 8) quanto na estativa (FIGURA 9). No nível da estrutura funcional, o

particípio passivo, tal como outros adjetivos em construções predicativas, realiza a função gramatical XCOMP-PRED.

A passiva não configura, portanto, uma diátese do verbo correspondente da construção ativa. Consiste, em vez disso, numa construção predicativa adjetival. Como exemplificado pela estrutura funcional da FIGURA 8, a construção passiva não difere de construções predicativas adjetivais canônicas excepto pelos seguintes traços do XCOMP-PRED: (i) o lema que integra a representação do valor de PRED não é o de um adjetivo, mas do verbo da construção ativa correspondente; (ii) o aspecto é processual. Esse último traço permite diferenciar a passiva acional da FIGURA 8 de uma passiva estativa como na FIGURA 9. Esses atributos permitem recuperar as propriedades sintático-semânticas da construção passiva da abordagem tradicional.

Na estrutura funcional da FIGURA 8 e da FIGURA 9, a contribuição semântica do superlativo e do diminutivo está codificada como valor de SPEC QUANT DEGREE.¹⁶ Esse atributo não consta das estruturas funcionais com particípio passivo não derivado por sufixação avaliativa.

Uma consequência vantajosa da análise do particípio passivo como adjetivo na BrGram é que a regra do sintagma nominal responsável por gerar adjetivos atributivos em exemplos como (31a) automaticamente gera exemplos do tipo de (31b). Por outro lado, torna-se dispensável estipular que formas como *cortadinha* são ambíguas entre uma interpretação como particípio passivo, de natureza verbal, e outra como adjetivo. Observe-se que, nesse último exemplo, na posição atributiva, a expressão do OBL-AG é facultativa, tal como na posição predicativa.

- (31) a. A manga azeda é cortadinha pelo cozinheiro.
b. A manga cortadinha (pelo cozinheiro) está azeda.

Na BrGram, formas como *cortado*, *cortada*, *cortadinha*, *elogiamos* e *elogiadíssimas* são geradas em um componente morfológico a partir

¹⁶ Em versões futuras da BrGram, atributos adicionais podem vir a ser incluídos para capturar a contribuição específica de sufixos como *-érrimo* e *-aço*.

de raízes verbais, sufixos derivacionais e flexionais. Esse componente morfológico está implementado como um transdutor de estados finitos (BEESLEY; KARTTUNEN, 2003). Na análise de uma sentença, esse componente retorna, para o componente sintático da BrGram, todas as análises possíveis dos diferentes tokens de que se constitui a sentença, como nestes exemplos, produzidos no XFST (BEESLEY; KARTTUNEN, 2003):

(32)
 xfst[1]: **up elogiamos**
 elogiar+V+PrsInd+1+Pl
 elogiar+V+PerfInd+1+Pl
 xfst[1]: **up elogiadíssimas**
 elogiar+A+Super+F+Pl
 xfst[1]: **up cortadinhas**
 cortar+A+Dim+F+Pl
 xfst[1]: **up cortadinho**
 cortar+A+Dim+M+Sg
 xfst[1]: **up cortado**
 cortar+V+Ptcp
 cortar+A+M+Sg

Como exemplificado em (32), formas participiais no masculino singular não derivadas por sufixação avaliativa são ambíguas, constituindo tanto verbo no participípio passado quanto adjetivo. As demais formas de participípio constituem apenas adjetivos.

Como podemos constatar em (32), o componente morfológico não fornece informações sobre a valência dos lexemas. No XLE, isso é feito em um componente lexical, no qual se atribuem aos lemas as diferentes valências que possuem, como em (33).

(33) Entrada de *elogiar* no léxico da BrGram (simplificada)
 elogiar V XLE @(TRANS %stem); A XLE @(PART %stem).

Essa entrada classifica *elogiar* tanto como V quanto como A. No primeiro caso, a valência é especificada por meio do *template* TRANS, que atribui ao verbo uma moldura de subcategorização com as funções gramaticais SUBJ e OBJ. No segundo caso, a valência do adjetivo é dada pelo *template* PART. Esse *template* produz os mesmos efeitos que a regra (7).

6 Conclusão

Neste trabalho, discutimos o estatuto da passiva perifrástica, tomando como ponto de partida a análise de Perini (2010) para o português e a abordagem da gramática POLFIE para o polonês. Essas análises, desenvolvidas em quadros teóricos distintos e de forma independente uma da outra, compartilham a atribuição de um estatuto de adjetivo ao particípio passivo (PPAS) e de verbo principal à cópula. Apresentamos, ao que parece pela primeira vez na literatura, uma evidência morfológica mais conclusiva do que as desses trabalhos anteriores em prol da análise do PPAS como adjetivo. Com base em exemplos extraídos de diferentes textos da Internet, mostramos que o PPAS licencia a derivação por meio de sufixos avaliativos (diminutivos, superlativos etc.). Uma análise unificada desses sufixos como instâncias da categoria A é preferível, por mais econômica, a uma análise desses elementos como pertencendo a diferentes categoriais. Finalmente, delineamos a implementação dessa análise, em termos sintáticos e morfológicos, na BrGram.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, L. F. de. BrGram: uma gramática computacional de um fragmento do português brasileiro no formalismo da LFG. In: **Brazilian Symposium In Information And Human Language Technology – Stil**, 9., 2013. Fortaleza. Proceedings. Fortaleza: Sociedade Brasileira de Computação, 2013. p. 183-188.

- BEESLEY, K. R.; KARTTUNEN, L. **Finite state morphology**. Stanford: CSLI, 2003.
- BERMAN, J.; FRANK, A. **Deutsche und französische Syntax im Formalismus der LFG**. Tübingen: Niemeyer, 1996.
- BRESNAN, J. **Lexical-Functional Syntax**. Malden: Blackwell, 2001.
- BUTT, M. et al. **A grammar writer's cookbook**. Stanford: CSLI, 1999.
- CROUCH, D. et al. XLE Documentation. **Palo Alto: Palo Alto Research Center**, 2011. Disponível em: <http://www2.parc.com/isl/groups/nlft/xle/doc/xle_toc.html>. Acesso em: 5. nov. 2012.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DALRYMPLE, M. **Lexical Functional Grammar**. Manuscrito. [S.l.]: [s.n.], 2001.
- FALK, Y. N. **Lexical-functional grammar: an introduction to parallel constraint-based syntax**. Stanford: CSLI, 2001.
- FONTANA, D. F. **Curso de latim**. São Paulo: Saraiva, 1981.
- GONÇALVES, C. A. A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil. **Veredas**, Juiz de Fora, v. 5, n. 2, p. 43-59, 2003.
- KING, T. H. **Starting a ParGram Grammar**. 2004. Disponível em: <<http://www2.parc.com/isl/groups/nlft/xle/doc/PargramStarterGrammar/starternotes.html>>. Acesso em: 10 nov. 2012.
- PATEJUK, A. **POLFIE – an LFG grammar of Polish**. 2013. Disponível em: <http://zil.ipipan.waw.pl/LFG>>. Acesso em: 29 outubro 2014.
- PATEJUK, A.; PRZEPIÓRKOWSKI, A. In favour of the raising analysis of passivisation. In: **Lexical Functional Grammar Conference**, 2014. Ann Arbor. Abstracts. Disponível em: <<http://lfg-conference.org/program/>>. Acesso em: 30 julho 2014.
- PERINI, M. A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

ROCHA, L. C. de A. **Estruturas morfológicas do português**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

SCHWARZE, C; ALENCAR, L. F. de. **Lexikalisch-funktionale Grammatik**: eine Einführung in 10 Lektionen, mit französischen Beispielen und einem Ausblick auf das Portugiesische. Tübingen: Stauffenburg. No prelo.

STERNEFELD, W. **Syntax**: eine morphologisch motivierte generative Beschreibung des Deutschen. Band 1. Tübingen: Stauffenburg, 2006.

SULGER, S. et al. ParGramBank: The ParGram Paralell Treebank. In: **Association For Computational Linguistics**, 51., 2013. Proceedings... Sofia: Association for Computational Linguistics, 2013. p. 550-560.

SWAM, O. E. **A grammar of Polish**. Bloomington: Slavica, 2002.

SWAM, O. E. ; REIMER, N. H. **On-line Polish-English English Polish Dictionary**. [S.l.]: University of Pittsburgh, 2012. Disponível em: < <http://polish.slavic.pitt.edu/polish/>>. Acesso em: 29 outubro 2014.

*Recebido em julho de 2015.
Aceito em setembro de 2015.*

SOBRE O AUTOR

Leonel Figueiredo de Alencar é Professor Associado da Universidade Federal do Ceará (UFC), vinculado ao Departamento de Letras Estrangeiras e ao Programa de Pós-graduação em Linguística (PPGL). Atua, também, como pesquisador colaborador do Grupo de Redes de Computadores, Engenharia de Software e Sistemas (GREat) do Departamento de Computação da UFC. Concluiu doutorado e pós-doutorado em Linguística pela Universidade de Constança na Alemanha. Seus principais focos de pesquisa são gramática gerativa, linguística computacional e linguística de *corpus*.

Email: leonel_de_alencar@yahoo.com